



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778

Nº X, volume X, artigo nº X, ---/--- 2017.
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/vXnXaX>

CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ELEMENTO CONSIDERÁVEL PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO E DA VIDA COTIDIANA

Monica Santana da Anunciação

Licencianda em Geografia

Cileny Carla Saroba Vieira

Ecóloga

Resumo

O ensino da Geografia necessita ser explorado nos anos finais do ensino fundamental, com objetivo de trazer significado para esse público alvo, que passa por uma transição da infância para adolescência. No entanto, entender como se faz o ensino de forma que o discente perceba e aplique esses conhecimentos de forma consciente de que tudo está interligado com a rotina da vida cotidiana, faz-se necessário compreender como essa ciência é desenvolvida na prática. Portanto, as reflexões e discussões que seguiremos ao desenvolver do trabalho serão de forma analítica dos professores da rede pública e privada da cidade de Itaboraí RJ, reforçado e baseado em teóricos renomados que irão fundamentar o estudo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Anos finais do Ensino Fundamental; Vivenciando na prática.

Abstract

The teaching of Geography needs to be explored in the final years of elementary school, in order to bring meaning to this target audience, which goes through a transition from

1 UniRedentor-Afya, Geografia Humana, Itaperuna-RJ, e-mail: mariasmonica1905@gmail.com

2 UniRedentor-Afya, Ciências Biológicas, Itaperuna-RJ, e-mail: cilenysaroba@yahoo.com.br

childhood to adolescence. However, understanding how teaching is done so that the student perceives and applies this knowledge in a conscious way that everything is interconnected with the routine of everyday life, it is necessary to understand how this science is developed in practice. Therefore, the reflections and discussions that we will follow when developing the work will be in an analytical way by teachers from the public and private network of the city of Itaboraí RJ reinforced and based on renowned theorists that will base the study.

Keywords: Teaching Geography; Final years of Elementary School; living in practice.

1- INTRODUÇÃO

O espaço geográfico de acordo com o geógrafo Milton Santos (1926-2001) são agrupamentos indissolúveis de séries de propósito e intervenção. Fazendo com que a natureza, pudesse se transformar em um espaço sociável e possível de interação entre ambos. Para Lacoste, (1977) o espaço geográfico, é o que se consegue ser esquematizado, transcrito no papel, com uma precisa representação do espaço desejado em formas de escala cartográfica.

A percepção do meio aponta em direção de um processo constante de construção no decorrer da existência humana, praticada e compreendida no dia a dia e passando pelo ambiente de aprendizagem, o espaço escolar. (Cavalcanti, 2001). Essas mudanças de ação de como ensinar a geografia, ainda que mesmo não tenha atingido a sua totalidade, conforme as palavras de Amorim (2009) já se modificaram, em vista que no passado os conteúdos tinham uma rigidez de um formato descritivo e decorado.

Além disso, os conhecimentos geográficos nos anos finais do Ensino Fundamental e a sua aplicabilidade, é à temática deste artigo e o mesmo, não tem a pretensão de esgotar todas as possibilidades que o tema pode alcançar. Pois se entende que a educação é um ingrediente básico em qualquer busca de desenvolvimento equilibrado de uma sociedade.

A iniciativa desta pesquisa se justifica pela diversidade de como direcionar os conteúdos com eficiência na prática. Por isso, a escolha do assunto é motivada pela convicção da importância de alcançar o convívio sócio espacial dos discentes e dos lugares em que se vive fazendo uma ligação com os conhecimentos ensinados. Onde apoiados em Kaercher (1997) apud Amorim (2009, p. 03), que nos fala: [...] “a Geografia pode ser um instrumento valioso para elevarmos a criticidade de nossos alunos”.

A cidade de Itaboraí foi escolhida, por ser uma das cidades do Estado do Rio de Janeiro onde o ensino de graduação da Uni Redentor/Afya abrange e por ser também a cidade natal da graduanda. Deste modo, o conhecimento geográfico no Ensino Fundamental II, permite uma compreensão real do espaço em que se vive? Neste intento, a pesquisa tem por objetivo geral demonstrar as ferramentas utilizadas pelos professores e se estão adequadas ao ensino geográfico.

Ademais, foram delineados os seguintes objetivos específicos: descrever os conhecimentos geográficos nos anos finais; investigar os meios de efetivação desses elementos consideráveis para compreensão do espaço e da vida cotidiana e por fim, debater se os docentes consideram alcançar com êxito o ensino desenvolvido. Parte-se da hipótese de que nesta idade compreendida pelos estudantes do ensino fundamental II, o conhecimento geográfico aprendido no âmbito escolar, se faz presente na prática.

Assim, para viabilizar o teste da hipótese foi realizada uma pesquisa com dez perguntas estratégicas, objetivas, sob o método hipotético-dedutivo com abordagem quali-quantitativa, traduzindo as opiniões e informações utilizando o Google Forms e enviada pelo whatsapp, fundamentada por autores que dominam o assunto e que possuem obras literárias que possibilitou a pesquisa.

Na primeira seção, são apontados alguns conceitos que explicam o espaço geográfico de acordo com o pensamento e estudos de teóricos como Milton Santos, Cavalcanti, Muller, Raffestin, Hissa e Becker. Na segunda seção, tem como objetivo fazer uma investigação desse espaço e a percepção do meio de forma efetiva e por fim, na terceira seção, será abordado o ensino de geografia nos anos finais do ensino fundamental II.

A relevância deste estudo se dá pelo desejo de contribuir com a melhoria e aperfeiçoamento da educação e do ensino da Geografia, através da exposição das práticas dos docentes, para que os discentes terminem este ciclo educacional preparados para um novo período de estudos que se iniciará, sendo capazes de compreender o seu espaço e o seu papel na sociedade.

2- REFERENCIAIS TEÓRICOS

2.1 Espaços geográficos

Na intenção de qualificar a compreensão de espaço geográfico, que é um dos principais conceitos da Geografia e sabendo que a mesma é uma ciência que interpreta e analisa os acontecimentos e as características no âmbito social, entendemos que a

geografia quer primeiramente conhecer esse espaço, para que assim seja fácil a compreensão de tudo o que acontece no mundo e que conseqüentemente o que afeta o espaço modificando-o.

Em qualquer caso, o espaço e as próprias percepções e concepções sobre ele são construídos na prática social. Portanto, a consciência de espaço ou a consciência de 'geografia do mundo', deve ser construída no decurso da formação humana, incluindo até a formação escolar (CAVALCANTI, 2001, p.24).

De acordo com a BNCC, com o conhecimento aprendido na Geografia, os discentes precisam ser instigados a refletir o espaço, praticando o raciocínio.

Ao utilizar corretamente os conceitos geográficos, mobilizando o pensamento espacial e aplicando procedimentos de pesquisa e análise das informações geográficas, os alunos podem reconhecer: a desigualdade dos usos dos recursos naturais pela população mundial; o impacto da distribuição territorial em disputas geopolíticas; e a desigualdade socioeconômica da população mundial em diferentes contextos urbanos e rurais. (BNCC, 2017, p 361)

Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular, elucida a importância do aprendizado e como o mesmo transforma esses jovens cidadãos trazendo entre eles conexão entre aprendizado escolar com a realidade cotidiana. Dessa forma, a sociedade tende a evoluir no seu desenvolvimento. Pois, como citou Paulo Freire (191, p. 7), "mudar é difícil, mas é possível e urgente". Outros aspectos de suma importância para a compreensão, novamente a BNCC procura reforçar.

No 7º ano, os objetos de conhecimento abordados partem da formação territorial do Brasil, sua dinâmica sociocultural, econômica e política. Objetiva-se o aprofundamento e a compreensão dos conceitos de Estado-nação e formação territorial, e também dos que envolvem a dinâmica físico-natural, sempre articulados às ações humanas no uso do território.

Com o passar dos anos, o ensino acrescenta informações que complementam e que justificam a necessidade de aprender. Conhecer o ambiente que se vive é necessário, mas a compreensão do espaço não se limita aos domínios de onde se vive, mas também compreender o território como algo que vai além do convívio diário e que o mundo se organiza de forma hierárquica e que também influencia no cotidiano. Müller (2002, p. 230-231) vem complementar com o pensamento sobre:

As linhas divisórias ali demarcadas são fronteiras vivas, as relações entre os povos são dinâmicas, as interações são constantes, muito embora pareça não existir uma integração completa, mas várias formas de cooperação e entrelaçamento entre os

campos sociais presentes. As necessidades de um lado são sanadas pela participação do outro, as brechas de um são preenchidas pela ação do outro, de modo a se complementarem e se apoiarem mutuamente, desenhando um ambiente diferenciado, próprio das áreas fronteiriças.

Nesse viés, a fronteira descreve um espaço delimitado por controle administrativo ou político, onde sua população circula livremente por suas regiões, porém não é permitido adentrar outro país se não possuir autorização de seus representantes. Tratando sobre questões de ocupação de território, Becker (2010, p. 39-40), nos fala como e quais os motivos que leva um povoado escolher um determinado espaço para habitar.

A distribuição espacial da população é o retrato da formação territorial. Num primeiro momento, a ocupação do Brasil se restringia a poucos pontos no litoral, que cumpriam a função de defesa do território e também de entreposto comercial. Estas ocupações deram origem a algumas das maiores cidades do país, como o Rio de Janeiro, Salvador, Recife/Olinda e Belém. Durante os séculos XVI e XVII, as atividades econômicas da colônia se encontravam próximas ao litoral, especialmente a produção de açúcar no Nordeste, gerando uma primeira concentração demográfica naquela região.

Assim, ao chegar ao oitavo ano do Ensino Fundamental, os discentes aprendem de forma mais aprofundada esses conceitos que se interligam nesta reta final deste ciclo de aprendizado. Conforme o que diz na BNCC (2017, p, 383).

Considera-se que os estudantes precisam conhecer as diferentes concepções dos usos dos territórios, tendo como referência diferentes contextos sociais, geopolíticos e ambientais, por meio de conceitos como classe social, modo de vida, paisagem e elementos físicos naturais, que contribuem para uma aprendizagem mais significativa, estimulando o entendimento das abordagens complexas da realidade, incluindo a leitura de representações cartográficas e a elaboração de mapas e croquis.

No último ano do Fundamental, assuntos relacionados como a globalização e suas consequências, além do estudo da Europa, Ásia e outras questões geopolíticas fazem parte desse processo de conteúdos que tem a finalidade de cada ciclo de ensino mostrar a complexidade do mundo como um todo, mas que cada discente faz parte e colabora com as mudanças no espaço geográfico.

2.2 O espaço geográfico e a percepção do meio

O desenvolvimento do processo de espacialidade diferencial acarretará, necessariamente, cedo ou tarde a evolução a nível coletivo de um saber pensar o espaço,

isto é, a familiarização de cada um com um instrumento conceitual que permite articular, em função de diversas práticas, as múltiplas representações espaciais que são convenientes distinguir, quaisquer que sejam sua configuração e sua escala, de maneira a dispor de um instrumental de ação e de reflexão.

De todas as disciplinas ensinadas na escola, no secundário, a geografia, ainda hoje, é a única a aparecer, por excelência, como um saber sem a menor aplicação prática fora do sistema de ensino. Nenhuma esperança de que o mapa possa aparecer como uma ferramenta, como um instrumento abstrato do qual é preciso conhecer o código para poder compreender pessoalmente o espaço e nele se orientar ou admiti-lo em função de uma prática. Callai (2017) nos diz:

É fundamental então que se consiga transformar a Geografia em algo vivo que diga respeito à vida, ao mundo real, que não sejam questões estranhas e distantes no sentido de não se perceber que sejam da vida, da sociedade concreta (CALLAI, 2017, p.110).

Em uma busca por entendimento, (Cavalcanti, 1998; Kaercher, 1997), identificou a presença associativa entre Geografia e mapa, afirmando que o mapa é o ícone de maior potencial da Geografia na escola. No entanto, seria necessário que na prática os mapas fizessem parte nas salas de aula, mas não apenas em colorir e saber regiões de forma mecanizada e sim na confecção de seus mapas conforme o estudo. De acordo, ainda, com Castrogiovani:

"Os mapas devem fazer parte do cotidiano escolar e não apenas serem incluídos nos dias específicos de Geografia. Devem ser vistos como uma possibilidade admirável de comunicação" (1998b, p.33).

Resende (1986) critica o modelo tradicional do ensino da geografia, com dados distanciados da realidade, e afirma que eles são produzidos de forma "panorâmica" ou mesmo "enciclopédico". Desse modo, as pessoas não se viam como agentes capazes de modificar a realidade que lhes eram impostas.

Desta forma, essa geografia caracteriza-se pela estruturação mecânica de fatos fenômenos e acontecimentos divididos em aspectos físicos, aspectos humanos e aspectos econômicos, de modo a fornecer aos alunos uma descrição das áreas estudadas, sejam de um país, de uma região ou de um continente (CAVALCANTI, 2001, p.20).

O autor acrescenta que, discutir a finalidade da Geografia ensinada e o seu papel em auxiliar aos alunos uma análise mais crítica do espaço em que vivem: A finalidade de ensinar geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar

raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes. (CAVALCANTI, 2001, p.24)

Entendemos que o ensino da geografia trás uma melhor compreensão de espaço e conseqüentemente insere os estudantes no mundo de forma coletiva, onde o mesmo encontra seu espaço e aprender a conviver melhor de forma cidadã e consciente. “O homem faz geografia à medida que se faz humano, ser social” (KAERCHER, 1999, p. 11).

2.3 O ensino em geografia nos anos finais do ensino fundamental

Ao adentrar uma nova fase de aprendizado que vem acompanhado de mudanças não apenas no ciclo escolar, mas também nas características transitórias da infância para a adolescência, o discente começa a experimentar mais autonomia e uma série de transição, que os mesmos sentem ao começar essa segunda parte do Ensino Fundamental. Segundo Brasil (2018).

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, os estudantes se deparam com desafios de maior complexidade, sobretudo devido à necessidade de se apropriarem das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às áreas. (BRASIL, 2018, p.60)

Com isso, o desenvolvimento do estudo geográfico pode ganhar uma maior visibilidade, pelas questões que norteiam cada indivíduo como seres pensantes fazendo uma ligação do estudo espacial com o meio e formas de vidas que estão inseridos. Desta forma, os professores desejando um bom ensino de geografia, não devem utilizar das velhas práticas de ensino, que levavam os alunos a decorar infinitas informações sempre precedidas de aulas expositivas.

O objetivo é formar pessoas críticas e que saibam questionar e ter autonomia, permitindo com que as mesmas saibam exercitar a liberdade do conhecimento. Conforme nos diz Freire (2005)

O educador que ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não Forma, domestica (FREIRE, 2005, p.16).

Destaca-se também, de suma importância para o estudo geográfico, um olhar espacial. É ele que permite a compreensão do espaço e sua leitura qualificada. Ensinar geografia é, pois, promover o olhar espacial. Ao referir-se à análise espacial Callai (2000)

Chama atenção para a importância do olhar espacial, destacando seu significado. O olhar espacial supõe desencadear o estudo de determinada realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço. O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis têm que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando. (CALLAI, 2000, p.94)

Nas aulas de geografia, em suas tarefas semanais, os alunos constroem conhecimentos ao perceberem que, em uma aula de observação, seja pelos arredores do colégio, na volta para suas casas, ao desenvolver suas tarefas cotidianas. Em tudo isso se aplica conceitos geográficos espaciais, de lugar de pertencimento, território, localização e tudo o que envolve o meio ambiente.

Com isso, fazer com que percebam essa interligação com a disciplina, irá trazer um conhecimento além da teoria e assim será possível um olhar realista aos fatos que envolvem a sociedade e como isso os afeta como indivíduos e que ao desenvolver esse saber geográfico, automaticamente eles começaram a construir um novo conhecimento em sua realidade e convívio espacial. (Cavalcanti, 1998)

Assim, diferentes recursos devem ser utilizados na aula de geografia, e os professores devem lutar para que os alunos tenham acesso às diversas fontes do conhecimento, de dados e informações, inclusive via internet, tendo em vista o saber. A utilização adequada dos mais sofisticados recursos tecnológicos não elimina o professor da sala de aula, mas valoriza o seu papel como aquele que é o responsável pelo trabalho pedagógico, na qualidade de mediador entre os alunos e o saber. (VLACH, 2003, p.10)

Com o mundo globalizado e com acesso ao uso de tecnologia, a sociedade tenta acompanhar esses tempos de consumo acelerado, onde através das próprias redes midiáticas são apresentados e oferecidos novos equipamentos. Mesmo aqueles que menos possuem condições aquisitivas para adquirir, apreciam e tendem a se relacionar com essas novas ferramentas e se forem utilizadas com o intuito da educação, teremos uma grande aliada facilitadora. Assim, Kenski (2012) diz sobre a vida cotidiana e afirma que:

As novas tecnologias de comunicação estão cada vez mais presentes na vida cotidiana. Sem sentir, adaptamos nossa maneira de agir, de pensar, e de nos comunicarmos, pela integração desses novos meios aos nossos comportamentos. (KENSKI 2012, p.69)

A utilização de Multimídia, que significa variadas possibilidades de mostrar informações por outras formas ou por meio de mais de um dos sentidos. Podendo utilizar-se de textos, gráficos, sons, imagens, animação e simulação, combinados para se conseguir um determinado efeito (CASAS et al. 1996). No entendimento de Puerta y Nishida (2011, p.130): “As multimídias aparecem no ensino para auxiliar e completar as aulas, e não para tomar o lugar do professor, que deve continuar sendo o orientador do aluno na construção de um roteiro de investigação”.

Aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação cognitiva entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. Nesse processo, que é não literal e não arbitrário, o novo conhecimento adquire significados para o aprendiz e o conhecimento prévio fica mais rico, mais diferenciado, mais elaborado em termos de significados, e adquire mais estabilidade. (MOREIRA, 2000, p.7)

Portanto, as metodologias ativas, desenvolvem nos alunos autonomia, reflexão, problematização da realidade, trabalhar em equipe, inovação, professor como mediador e o aluno como centro do ensino e da aprendizagem. Saber explorar todos esses sentidos no Ensino Geográfico do Ensino Fundamental II é aproveitar a fase de transição comportamental, onde a curiosidade e a facilidade de compreensão crescem junto com a idade, mas também sem esquecer que cada aluno trás uma bagagem de conhecimentos que se aprimora no espaço escolar.

[...] enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena (BRASIL, 2013, p. 20).

Assim, desenvolvendo todas as possibilidades disponíveis e que contribuem para um amadurecimento e um conhecimento sólido e significativo. Permite aos alunos em fase de transição da infância para a juventude escolar, uma aprendizagem mais consciente e de forma a ter mais sentido e aplicabilidade no seu cotidiano, seja ele o escolar como também o social e familiar.

3-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizando a teoria de (GIL 2002 p.162) em que trata o conceito de metodologia nessa parte, descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. Nesse sentido quanto à natureza a presente pesquisa é quali-quantitativa, a qual se traduz em

opiniões as informações fornecidas por meio de pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, apresentando os dados coletados com a utilização da ferramenta Google Forms, que foi direcionada, por meio de perguntas para professores de geografia da rede pública e privada de ensino, por meio de grupos de docentes do WhatsApp, a fim de conseguir atingir os objetivos aspirados.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

A importância do conhecimento geográfico e a prática vivenciada pelos estudantes do Ensino Fundamental II provoca uma metamorfose de percepções e domínio, das práticas de ensino escolar com aplicabilidade no dia a dia. Neste sentido, a pesquisa se deu baseada em estudos realizados por grandes nomes do estudo da geografia, onde se deu o arcabouço para a análise da realidade do ensino na cidade de Itaboraí, RJ.

Na primeira parte, ao retratar dos Espaços geográficos, encontramos pensamentos como de autores como CAVALCANTE, que diz que o espaço e suas percepções e concepções sobre ele são construídos na prática social e precisa ser construída na formação humana, incluindo até a formação escolar. Na segunda parte, O espaço geográfico e a percepção do meio, obtivemos de Callai (2017), a visão de que é importante conseguir transformar a Geografia em algo vivo que condiga com o mundo real, que não sejam questões estranhas e distantes.

Na sequência, encontramos na terceira parte, o que foi dito da geografia nos anos finais do ensino fundamental II, sendo desafios de maior complexidade, sobretudo devido à necessidade de se apropriarem das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às áreas. Conforme, BRASIL (2018) com o intuito de transformar o pensamento crítico desse público alvo utilizando das novas metodologias e tecnologia em que temos disponíveis.

Também foi executada uma pesquisa realizada pelo Google forms, que por ser um aplicativo gratuito do Drive, viabilizou de forma rápida nos meios de comunicação de maior acesso dos professores o WhatsApp com o objetivo de entender como o tema proposto é trabalhado em aula e quais são as dificuldades enfrentadas pelos alunos e professores na execução e prática da vida cotidiana.

Desta forma, as perguntas feitas aos professores tiveram essa intenção de descobrir a percepção de quem ensina, para que assim pudesse detectar possíveis falhas e possibilidades para uma futura mudança. Sendo assim, o questionário respondido, norteou

como arcabouço para uma análise de como os docentes desenvolvem o ensino, nos proporcionando uma compreensão da visão dos mesmos e por fim descrever com intuito de colaborar com possíveis melhorias neste seguimento. Foram obtidas 34 respostas de dez perguntas descritas a seguir.

1- Você leciona em escola pública, particulares ou ambas; 2- Em qual (is) distrito(s); 3-Existe alguma dificuldade específica na aprendizagem da geografia para o aluno do fundamental II; 4- As escolas possuem computadores, internet e outros materiais como Data show disponíveis para aulas interativas; 5- Você realiza aulas em outros ambientes além da sala de aula; 6- Como você avalia o material didático utilizado nas escolas; 7- As escolas possuem mapas e globos terrestres; 8- Em suas aulas são aplicadas outras áreas do conhecimento desenvolvendo trabalhos e projetos interdisciplinares; 9- Os alunos interagem positivamente nas aulas de geografia, conseguindo associar e desenvolver um raciocínio voltado para a compreensão do meio em que vive; 10- Você possui alguma especialização ou utiliza da internet para buscar novos conhecimentos.

Dentre as respostas obtidas com a pesquisa, verificou-se que os entrevistados em sua maioria trabalham em colégios públicos e também na rede de ensino particular, conforme demonstra o gráfico em que foi gerado das respostas do questionário.

1.1. Local de atuação:

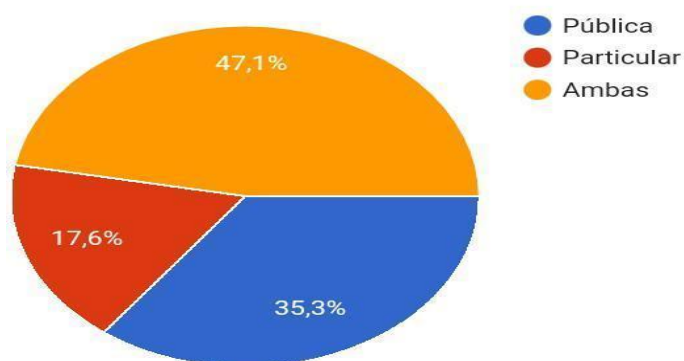


Gráfico 01- Local de atuação profissional do docente
Fonte: Pesquisa

No gráfico a seguir, mostra a distribuição dos docentes que responderam a pesquisa, pelos oito distritos da cidade.

2.1. Atuação em cada distrito:

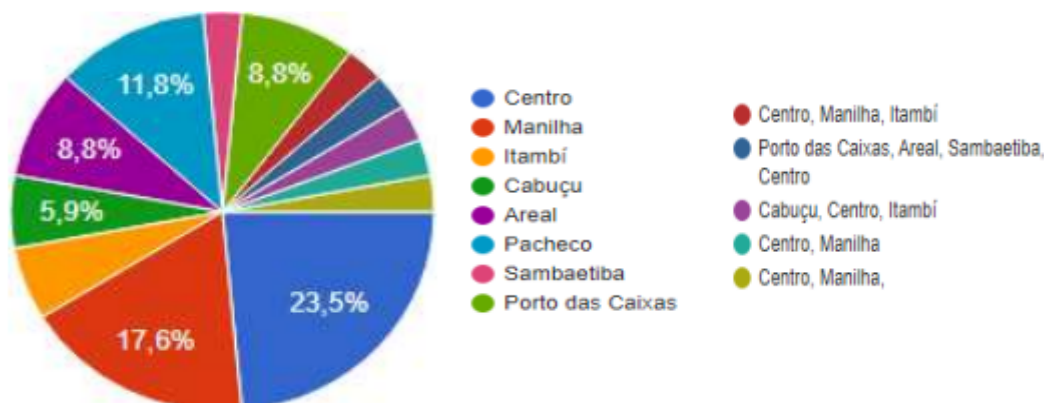


Gráfico 02- Atuação em cada distrito
Fonte: Pesquisa

Quando foi perguntado se existe alguma dificuldade específica na aprendizagem da geografia para o aluno do fundamental II? Obtivemos as seguintes respostas:

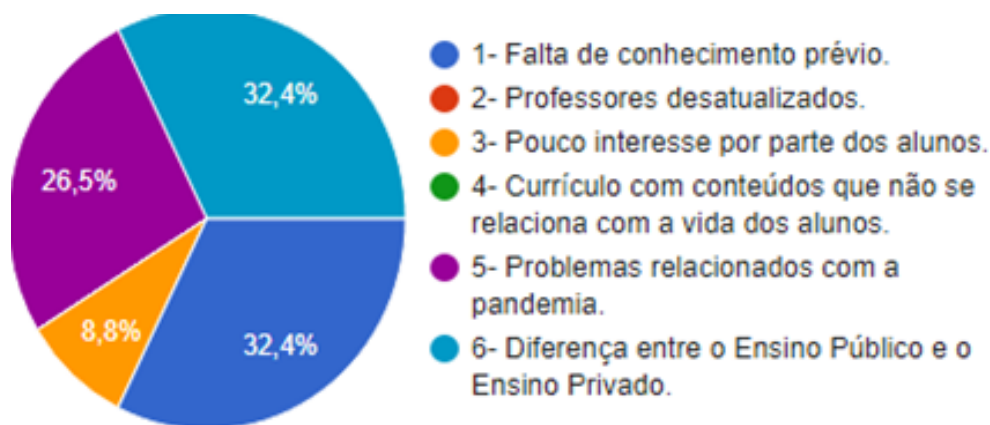


Gráfico 03- Dificuldade na aprendizagem
Fonte: Pesquisa

Na quarta pergunta que buscava saber se as escolas possuem computadores, internet e outros materiais como Data show disponíveis para aulas interativas, todos entrevistados responderam que sim.

4.1- Equipamentos

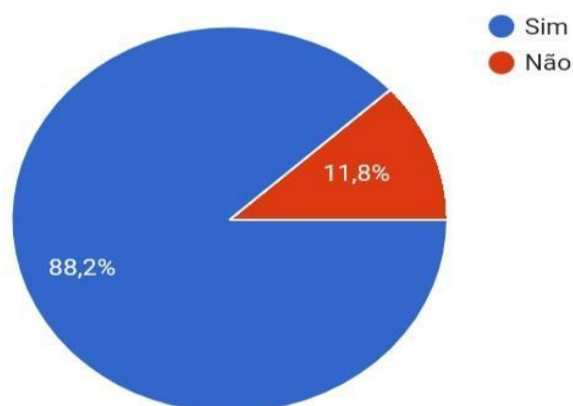


Gráfico 04- Equipamentos digitais
Fonte: Pesquisa

Você realiza aulas em outros ambientes além da sala de aula? Essa foi a quinta pergunta e a resposta também foi positiva conforme demonstra o gráfico:

5.1- Aulas de campo

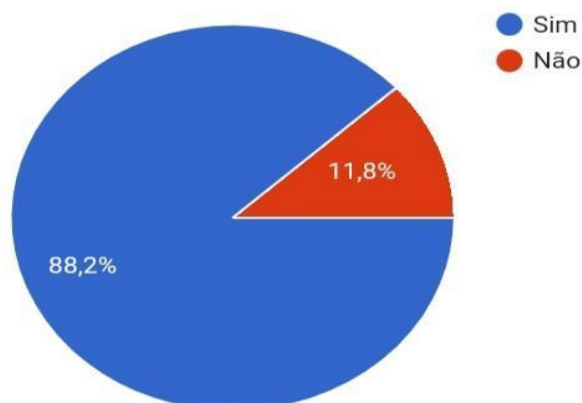


Gráfico 05- Aulas de campo
Fonte: Pesquisa

A sexta pergunta, buscou saber a avaliação do material didático disponível nas escolas e foram obtidas as seguintes respostas.

5.1. Material didático

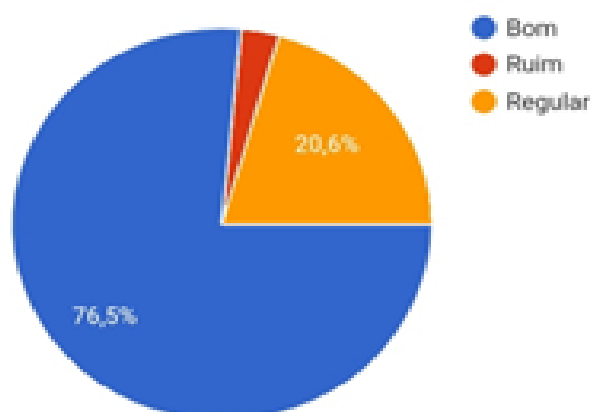


Gráfico 06 – Material didático
Fonte Pesquisa

Conforme as respostas obtidas, na sétima pergunta do questionário, todas as escolas possuem mapas e globo terrestre. Na oitava pergunta, buscou saber se os alunos interagem positivamente nas aulas de geografia, conseguindo associar e desenvolver um raciocínio voltado para a compreensão do meio em que vive.

8.1 Interações dos discentes nas aulas de Geografia

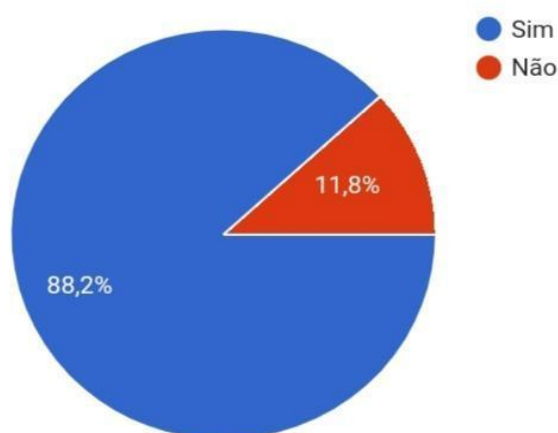


Gráfico 07 - Interações dos discentes nas aulas de Geografia
Fonte Pesquisa

Na nona pergunta, buscou saber se o professor consegue administrar com êxito sua aula. O resultado da pergunta foi de quase 100% que sim.

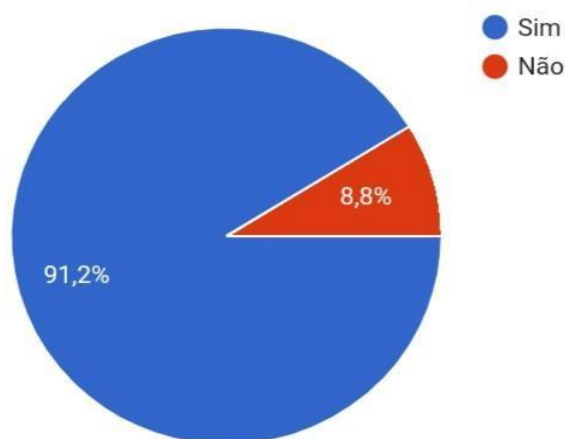


Gráfico 08 - Você consegue realizar suas aulas com êxito?

Fonte Pesquisa

Na décima e última pergunta, o objetivo foi averiguar se o docente busca atualizações em sua formação e se a internet faz parte de suas ferramentas de conhecimento. Todos os entrevistados responderam que sim.

De modo geral, observamos que a resposta dos professores está de acordo com os autores que a pesquisa buscou auxílio de base do estudo. Os docentes possuem mecanismos para diversificar e dar mais qualidade às suas aulas, dando espaço para métodos mais interativos e menos expositivos. Todos os entrevistados responderam ter auxílio de internet, data show, mapas e globo terrestre. Sendo assim, conforme disse Vlach (2003) que, diversos recursos devem ser desfrutados na aula de geografia, incluindo equipamentos aprimorados e internet.

Ademais, também analisando o que nos disse Freire ao afirmar que o professor que ministra geografia, com intuito da memorização de conteúdo, esteriliza a curiosidade do aluno e o impede a liberdade e de capacidade de lançar-se a novos horizontes. Descobriu-se que os docentes realizam aulas de campo, além da sala de aula, um percentual de 88,2% dos professores procuram interligar os conceitos teóricos com a prática, levando os alunos a possuir uma concepção real do espaço.

O material didático teve também um índice elevado de aprovação. Com 76,5% considerado bom e 20,6% razoável e 2,9% considerou ruim. É inegável que mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico, a leitura e a escrita, são de extrema importância na educação. Pois, além de socializar os discentes, cria trocas simbólicas entre outros povos e novos conhecimentos e daí surgem outras formas de conhecimento. Silva (1996), nos fala que:

O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustenta essa tradição o olhar saudosista do país, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor apresenta-o com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro “didático”: comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, fazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos dos conteúdos ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende. (1996, p.08)

Entretanto, quando foi perguntado sobre a existência de dificuldades específica na aprendizagem da geografia para o aluno do fundamental II, foram obtidos 32,4,% de resposta em que percebem diferença entre o ensino público e do particular; 32,4% percebem falta de conhecimento prévio; 8,8% atribuíram existir pouco interesse por parte dos discentes; 26,5% perceberam ligação entre o período da pandemia, com as dificuldades no aprendizado da disciplina.

Sendo assim, com base nos referenciais teóricos e a pesquisa respondida pelos docentes, percebemos que na cidade de Itaboraí, R.J são ofertados aos alunos materiais tecnológicos disponíveis para aulas interativas, além de possuir livros didáticos considerados bons, mapas e globos terrestre e são adeptos à prática de aula de campo. Tudo isso, proporciona para este grupo escolar, uma dinâmica importante no desenvolvimento, onde será aproveitada a curiosidade e desejo de participação que esta faixa etária apresenta.

Com tudo, ainda existe barreiras que dificultam aos discentes uma melhor participação e concepção do ensino de Geografia, lembrando que os dois últimos anos, foram enfrentados por uma grave pandemia que fechou as escolas e levou a saúde física e psicológica de alunos e professores a um colapso em que ainda não se sabe avaliar os estragos que ainda serão enfrentados.

Portanto, os relatos dos professores evidenciam ocorrências que necessitam ser repensadas e que também podemos atribuir essas questões com essa parte da história que ainda buscamos superação. Contudo, confirmou-se a hipótese que, nesse ciclo de aprendizado os alunos conseguem assimilar a teoria com a prática, porém, levando em consideração os dois últimos anos em que as escolas seguiram fechadas, ou parcialmente funcionando de forma híbrida.

A pesquisa foi obtida no mês de outubro do ano de 2022, onde neste ano, as escolas voltaram de forma definitiva e com sua capacidade total de alunos, depois de um período de isolamento ocasionado pela Covid 19, mas é necessário ressaltar, que a pesquisa não abrangeu todas as escolas públicas e particulares da região.

Obtivemos 34 respostas de professores que lecionam tanto no público quanto no particular e através dos mesmos, foram relatados, que a cidade tem uma défice de professores na rede pública, onde está sendo aguardado, o concurso público para a convocação de novos professores.

As dificuldades expostas pelos docentes se baseiam, pelo fato da educação geográfica não se fazer isoladamente das outras disciplinas e como descoberto na pesquisa, os alunos chegaram ao Ensino Fundamental II, com dificuldades que não se pode direcionar apenas ao campo geográfico, mas pelo um todo, já que se espera que nessa faixa etária, os discentes estejam alfabetizados, dominando a leitura e a escrita.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa constatou-se que era preciso interligar o os conteúdos geográficos com o convívio sócio espacial dos discentes e dos lugares em que se vive. Por isso, era importante investigar os meios utilizados pelos docentes nos anos finais do ensino fundamental.

Diante disso, o artigo teve como objetivo geral demonstrar as ferramentas utilizadas pelos professores e se estão adequadas ao ensino geográfico. Constata-se que o mesmo, foi atendido porque efetivamente a pesquisa respondida por professores do município, nos forneceu respostas positivas de todos os distritos possuírem equipamentos eletrônicos, livros didáticos, mapas e globos terrestres para a utilização em aula.

Os objetivos específicos foram descrever o conhecimento geográfico, investigar os meios de efetivação e debater se docentes consideravam alcançar com êxito o ensino desenvolvido. Mediante a pesquisa bibliográfica, foi possível descrever o conhecimento geográfico, onde através de autores renomados nos deram o arcabouço para prosseguir na pesquisa, além de investigar os meios de efetivação que se deu com a pesquisa respondida pelos docentes e por fim, debater a execução das aulas.

Portanto, de acordo com a pesquisa, os professores da cidade de Itaboraí possuem de equipamentos e mesmo com as dificuldades expostas por alguns entrevistados, os

mesmos conseguem administrar suas aulas e mantêm práticas que facilitam e transformam a maneira de ensinar.

A pesquisa partiu da hipótese de que nesta idade compreendida pelos estudantes do ensino fundamental II, o conhecimento geográfico aprendido no âmbito escolar, se faz presente na prática. Porque nessa fase, os alunos passam a ter mais autonomia, já começam a fazer alguns trajetos de forma independente e já estão em um convívio com pessoas com mais idades em seu currículo escolar. Então, fez-se o teste da hipótese que foi confirmada por existir por parte dos professores e dos colégios que fornecem os mecanismos necessários, para a realização do ensino com os aparatos básicos necessários.

Sendo assim, o problema foi respondido e a resposta foi de que o conhecimento geográfico no Ensino Fundamental II é de fato, um elemento considerável para a compreensão do espaço em que se vive. Pois os discentes neste momento possuem mais mecanismos e autonomia para relacionar os conteúdos aprendidos em sala de aula.

Diante da metodologia proposta, percebe-se que a pesquisa poderia ter sido realizada com mais professores respondendo o questionário e também ter sido ouvido os alunos. Assim, teríamos um confronto de opiniões e uma análise de ambas as partes. Abre-se assim, novas perspectivas de futuras pesquisas que busquem complementar e analisar por outros olhares o estudo aqui debatido.

Espera-se com esse esforço trazer para cidade de Itaboraí R.J, subsídios para educação Geográfica de forma consciente a se entender, o quanto importante se faz trazendo a percepção de pertencimento regional e que estamos conectados em um mundo global, sendo necessário conhecer a dinâmica e como tudo se interliga.

REFERÊNCIAS

AMORIM, W. M. P. **A evolução do ensino de geografia no brasil**. São Paulo: Webartigos, 2009. Disponível em: Acesso em: 25 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

CALLAI, H. C.; CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-92.

_____. **O misterioso mundo que os mapas escondem**. In: CASTROGIOVANI, A.C. (org.) e outros. Geografia em sala de aula, práticas e reflexões. Porto Alegre, Associações dos Geógrafos Brasileiros, Seção Porto Alegre, 1998b. p.33-48.

CASAS, L. A. A., BRIDI, V. L., FIALHO, F. A. Construção de conhecimentos por imersão em ambientes de realidade virtual. In: GUIMARÃES, A. de M. (Ed.) VII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Anais... Belo Horizonte: DCC/UFMG, 29-43, 1996.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e construção de conhecimento. São Paulo: Papirus, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço geográfico: algumas considerações**. In: SANTOS, Milton (Org.). Novos rumos da Geografia brasileira. São Paulo: Hucitec, 1982.

PARENTE, A. C. P. O ensino de geografia no Brasil e sua correlação com o livro didático. São Paulo: Webartigos, 2017. Disponível em: Acesso em: 25 mar. 2022.

FREIRE, P. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 1991.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

KAERCHER, Nestor André et al. **A Geografia no ensino médio**. In: CASTROGIOVANI, Antônio Carlos. et al. (org.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 1999 a.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologia e ensino presencial e a distância. 9ª. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

MOREIRA, M.A. Aprendizagem Significativa Crítica. 2000. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigcritport.pdf> Acesso em: 27 de Abril de 2022.

MÜLLER, Karla Maria. Práticas comunicacionais em espaços de fronteira: os casos do Brasil-Argentina e do Brasil-Uruguai. In: MARTINS, Maria Helena. Fronteiras culturais: Brasil-Uruguai-Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PARENTE, A. C. P. **O ensino de geografia no Brasil e sua correlação com o livro didático**. São Paulo: Webartigos, 2017. Disponível em. Acesso em: 25 mar. 2022.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do poder. São Paulo: Editora Ática, 1993. PUERTA. Lorena Lucas; NISHIDA, Paulo Roberto; PASSINI, Elza Yasuko (org.). Multimídia na escola: formando o cidadão numa “cibersociedade”. Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador – caminhos para uma prática de ensino**. Coleção Educação Popular nº 5. Edições Loyola, São Paulo, 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, Ezequiel Teodoro Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. In. Em Aberto – O livro didático e qualidade de ensino. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996

VLACH, Vânia. **O papel do ensino de Geografia na compreensão de problemas do mundo atual.** In: IX Colóquio Internacional de Geocrítica: los problemas del mundo actual. Soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales, Porto Alegre, 28 d mayo-1de junio, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/vlach.htm>> Acesso em: 20.03.2022.